

Gutman Uchôa de Mendonça

Escreve às terças-feiras neste espaço
Site: www.uchoademendonca.jor.br

/// A burocracia atormenta aqueles que pensam em investir no país. Os burocratas têm raiva, ódio de quem quer criar empregos, promover o desenvolvimento

Um futuro difícil

A GAZETA, recentemente, publicou excelente reportagem acerca da burocracia, como ela procrastina o desenvolvimento econômico e social e como atormenta aqueles que, loucos, pensam em investir num país dominado pela infernal máquina burocrática.

Vamos supor que um indivíduo, com algum recurso, resolva criar uma pequena indústria para produzir sorvete. Contrata um contador para formalizar o pedido à Junta Comercial. Caso a papelada esteja em ordem, dentro de cinco dias o interessado estará com sua empresa registrada no órgão criado especificamente para o registro do comércio e da indústria. Aí começa a tragédia para o novo investidor. De acordo com as normas municipais, escolhe o lugar onde vai implantar a indústria ou comércio.

O modelo de requerimento para dar entrada do registro na prefeitura é o primeiro passo a ser feito. Tudo fácil! Os problemas começam agora.

O primeiro estudo mu-

nicipal é sobre a localização daquele tipo de estabelecimento. Até o fiscal ir lá e dar seu parecer pode levar de seis meses a um ano. Vamos imaginar que, por um desses lampejos de felicidade, a fiscalização diga que o local é apropriado para o estabelecimento em foco. A grande tragédia vem depois: Corpo de Bombeiros, Vigilância Sanitária, aprovação dos projetos, e por aí vai... Se o investidor tiver “trânsito”, for um sujeito simpático à fiscalização, ele vai levar de três a quatro anos para tirar a licença para a obra. Se não tiver saco, desiste.

Porém, se ele encontrar alguma dificuldade, vai sofrer tanto nas garras da fiscalização que irá se arrepender do dia que imaginou ser um investidor, criar algum negócio para dar emprego. Os burocratas têm raiva, ódio de quem quer criar empregos, promover o desenvolvimento.

Por volta de 1956, mais ou menos, um velho amigo veio me oferecer duas áreas em Guarapari, que era “o futuro”, ele

dizia, mas nunca gostei desse negócio envolvendo terrenos de marinha. Saí fora. As áreas eram a de Flexeiras, hoje Aldeia da Praia; e Três Praias. Hoje, dizem que as exigências para um projeto sair do papel é criar no local um Parque Ecológico, aberto ao público. Para investir milhões, criar centenas de empregos, o empresário precisa antes fazer um parque para ficar abandonado. Santa burocracia...



Roberto Garcia Simões

É professor da Ufes e especialista em políticas públicas
E-mail: roberto.simoes@ufes.br

/// O arsenal de expressões que destilam ódio, e o atijam, domina os ataques políticos – mas se fala que é em nome da democracia

Taxa de ódio

Irrompe o ódio na sociedade brasileira, despertado na guerra eleitoral de 2014. Segue sendo ativado e se espalha freneticamente. Extrapolou a política e não é ocasional. Contagia do individual ao social, passando pelas amizades e pelas reuniões (ou desuniões). O seu poder demolidor mina a civilidade.

Virulento, intensifica e gera violências no real e no virtual. Entrelaça-as nas ruas. O “pavio curto” mordaz rege a prática cotidiana. Agressividades se impõem sob diferentes gestos e formas. A paciência é que passou a estar intolerável.

Em contextos históricos de ódio continuado, como ele se manifesta? Para o escritor Amós Oz, “pacifista israelense”, o fanático “está sempre ou se atirando no seu pescoço, porque o ama de verdade, ou apertando sua garganta, caso você prove ser irrecuperável”. E o escritor salienta que “a essência do fanatismo reside no desejo de forçar as outras pessoas a mudarem”. Para Amoz, o fanático quer libertá-lo do “erro”, dos seus “hábitos de voto” - e faz isso julgando ser um “grande altruísta”. Enveredamos pelo fanatismo político?

Nossa taxa de ódio está em ele-

vação. Para que intolerâncias não prosperem na convivência entre “conhecidos”, ou para aliviá-las, os assuntos que o desencadeiam estão interditados ou acarretam, no mínimo, desavenças e “cara feia”; nas redes, a “distância”, o “invisível” aguçam o tom massacrante e o desejo de esganar o outro diferente.

Para Elie Wiesel, “o ódio insinua-se na linguagem, como no olhar, para perturbar as relações”. A fala e a escrita ficam ferinas, dilacerantes, visando a provocar dor no outro - e realizar o gozo associado. O arsenal de expressões que destilam ódio, e o atijam, domina os ataques políticos – mas se fala que é em nome da democracia.

A ira pode ser tolerada? Em “Plenos Pecados”, o cineasta José R. Torero resgata que “A ira é o único dos pecados que pode ser uma virtude”. Virtude? Quando e como?

Torero relata que Deus e Jesus iraram-se algumas vezes – o que não se deu em relação aos demais “pecados capitais”. Por exemplo, Jesus irou-se contra os mercadores que queriam transformar o templo em balcão de negócios. O Salmo 29, no entanto, diz que “sua ira dura apenas um momento, mas sua bondade permanece a vida inteira”. De qualquer forma, se está no âmbito individual.

Contudo, ao encharcar a sociedade, Weisel adverte sobre o significado do desencadear continuado e acumulado: “O ódio é como a guerra: uma vez começada, já é tarde demais”.

Tiago C. Zortea

É psicólogo clínico, mestre em Psicologia e pesquisador de ph.D na Universidade de Glasgow (Reino Unido) no Laboratório de Pesquisas sobre Comportamento Suicida

/// O número de mortes por suicídio no mundo excede as estatísticas de óbitos por homicídio e guerras juntos

Suicídio: é hora de uma conversa franca

Em setembro de 2014, a Organização Mundial de Saúde (OMS) publicou pela primeira vez um relatório exclusivamente sobre suicídio no mundo. Os dados chocaram. A incidência equivale a uma morte a cada 40 segundos. No Brasil, um óbito a cada meia hora.

Atualmente, o número de mortes por suicídio no mundo excede as estatísticas de óbitos por homicídio e

guerras juntos. Isso significa que os seres humanos hoje têm mais chances de morrer pelas próprias mãos do que pelas mãos de outra pessoa. O suicídio deixou de ser algo distante para se configurar como parte de nossa própria experiência, de nossas vidas, casas, famílias e amigos. Pessoas de todas as classes sociais, etnias e faixas etárias são atingidas.

De acordo com a OMS, esta é a

segunda maior causa de mortes de jovens com idade entre 15 e 29 anos. No Espírito Santo, rapazes com idade entre 25-29 anos morrem por suicídio 950% a mais do que as moças da mesma idade. Não há mais como deixar o assunto de baixo do tapete. É preciso falar (com responsabilidade) sobre o assunto. Pesquisas em suicidologia mostram que perguntar e conversar sobre suicídio traz alívio àqueles que sofrem de ideias suicidas. Suicídio pode ser prevenido, e este é o primeiro passo em busca de soluções.

É compreensível ter medo de falar sobre o assunto, uma vez que saber que o amigo ou parente sofre de ideias suicidas abre portas para

preocupações. No entanto, o medo de perguntar também pode impedir o diálogo e permitir a morte autoprovocada de alguém. Pergunte. Ouça sem julgamento. Não proponha soluções, apenas ouça, seja empático. Convença-o que busque ajuda profissional.

O Centro de Valorização da Vida (CVV) é uma das ONGs mais antigas e respeitadas do país e possui voluntários treinados para acolher aqueles que sofrem de ideias suicidas através do telefone 141 ou do site www.cvv.org.br. Não dá mais para fingir que o problema não existe. Não há tempo a perder. Há muitas vidas a serem salvas e uma simples conversa pode mudar tudo.